

## “TAMO JUNTO”? APROXIMAÇÕES ÉTICO-TEOLÓGICAS SOBRE A CRISE AMBIENTAL A PARTIR DA LAUDATO SI, DA FRATELLI TUTTI E DA LAUDATE DEUM

“ARE WE ALL TOGETHER?” ETHNIC - THEOLOGICAL APPROXIMATIONS  
ABOUT THE ENVIRONMENT CRISIS FROM THE ENCYCLICALS LAUDATO SI,  
FRATELLI TUTTI AND LAUDATE DEUM BY POPE FRANCIS

Maria Joaquina Fernandes Pinto<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo oferece uma reflexão teológica sobre a atual crise ambiental gestada pela galopante soberba humana e evidenciada pelo acúmulo de bens materiais, pelo consumismo. Mas no início não era assim. O sonho de Deus representado no Paraíso criado e o mandato de submeter a terra consiste em levar adiante o seu projeto, irmã-nados numa convivência sem acúmulo, sem desperdícios e sem violência contra a Casa Comum, o Bem Viver. A filosofia levinasiana propõe a alteridade como ferramenta ético-filosófica para enfrentar a grande crise gerada pela visão totalitária que reduz o Outro ao Mesmo. Aplicamos esta intuição para apresentarmos o meio ambiente como outro-cósmos, expressão de uma alteridade ecológica que diz, exige eticamente: “Não matarás!”. Este grito ecoa hoje como nunca: grita o Outro-Terra, o Outro-Meio Ambiente como alteridades cósmicas, imprescindíveis e necessárias à sobrevivência humana. Tal conscientização requer uma conversão ecológica, contemplada no processo salvífico revelado por Jesus. Uma ecoespiritualidade faz-se necessária e urgente; é um chamado à responsabilidade enfatizado pelo Papa Francisco nas encíclicas *Laudato Si* e *Fratelli Tutti*, na exortação apostólica *Laudate Deum* em que alerta para a problemática do descuido para com a Casa Comum. Esta realidade afeta diretamente os mais vulneráveis, produz desigualdades, pobreza, injustiça. Portanto o título-convite deste texto - “Tamo junto?” - quer ser uma adesão consciente à mudança de atitudes diante da crise ambiental; juntos, conscientes de que podemos refazer a trajetória, salvando o planeta, preservando a vida.

**Palavras-chave:** Crise Ambiental; Criação; Bem Viver; Alteridade Ambiental; Papa Francisco; Conversão Ecológica.

### ABSTRACT

*The article offers us a theological reflection about the environment crisis which is quickly moved by the human being arrogation and a damning evidence by the accumulation of material estate caused by mass consumerism. But in earlier times however, it was not exactly the way it's used to be. The dream of the Lord represented in the created Heaven and the power to submit the earth, to get forward with his project joining people living together without violence in our “Casa Comum”, having a good live. Philosophy “levinasiana” recommends alterability as a tool for ethnic-philosophic*

1 Teóloga com formação na área de Teologia Sistemática - Ética e Antropologia - voltada para a Sexualidade Humana como processo de humanização. Dedicou-se por muito tempo à Formação Seminarística, Laical e à docência universitária, ministrando disciplinas na área de humanas como Antropologia Jurídica, Social, Filosófica, Ética e Bioética. Atualmente é assessora nacional das CEBs e professora no ITF - Instituto Teológico Franciscano - Petrópolis. Possui Pós-doc. em Bioética e Sexualidade. E-mail: mjfpinto@uol.com.br

to face a large crisis which was developed by the total view that reduces the other to himself. We apply this intuition to present the environment as another cosmos, it expresses an ecological alterability that claims ethnically “No kill”. This call reflects the sound of one-earth, the other-environment nowadays. They seem to be as a cosmic alterability which is so important and needful to human being survives. This conscience needs an ecological conversion taking part in a process salvation revealed by Jesus. It’s necessary and urgent an eco-spirituality. We must pay more attention in considerations of Pope Francis encyclicals *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* and in his apostolic exhortation *Laudate Deum*. He advises us about our carelessness with our “Casa Comum”; Our Planet. This reality affects mainly who is needy. It produces inequality, poverty, injustice. Because of that the title of this article means: “Are we all together?”. It means to be a conscious agreement changing the attitude in front of an environment crisis. Then, we will realize that together and aware we will be able to make over again our trajectory, saving our Planet, preserving life.

**Keywords:** Environmental Crisis; Creation; Live Well; Environmental Alterability; Pope Francis; Conversion Ecological.

Nos últimos anos temos assistido e sentido na pele as consequências causadas pela devastação do meio ambiente. Queimadas, uso indevido para especulação imobiliária, grilagem, exploração de minério, agronegócio, garimpo e tantos outros mecanismos impostos pelo mercado e o capital levantam questões polêmicas, alertas e reflexões, movimentando pautas de inúmeras empresas, instituições, ONGs, oligarquias, nações, e, como não poderia deixar de ser, também da Igreja, que, muitas vezes, tem se posicionado.

O Papa Francisco lançou três documentos muito significativos que nos alertam para a urgência de um olhar, uma postura, uma práxis sobre o nosso planeta, a relação que temos com ele e o necessário cuidado para salvá-lo. Em 2015 a Encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da Casa Comum; em 2020 a *Fratelli Tutti* conclama à Fraternidade e a Amizade Social, apontando para uma visão sócio-política, menos subjetivista dos relacionamentos e há pouco tempo, no final de 2023, como que para dizer algo mais sobre o mesmo tema, o papa nos presenteia com uma Exortação - *Laudate Deum*, em que nos alerta para a crise climática. Por diversas vezes a Igreja se manifestou a respeito da Natureza, do Meio Ambiente, sobre o valor da Criação como dado teológico importante para a nossa fé e para o convívio entre os povos. A teologia tem abordagens belíssimas e consistentes que incluem o cosmos, a criação no processo da Revelação-Salvação do Deus cristão<sup>2</sup>.

Esta reflexão pretende oportunizar aos leitores que se preocupam com as questões ambientais, uma aproximação do pensamento do nosso papa, registrado nos documentos supra-citados e cuja preocupação ultrapassa as fronteiras religiosas e eclesiais pois trata-se de sérias ameaças à vida do planeta. O título/indagação<sup>3</sup> dado a este artigo quer ser uma provocação para que reflitamos e nos questionemos se estamos realmente juntos nesta luta pela sobrevivência da Terra e, conseqüentemente, nossa.

2 Lembramos: Alfonso García Rubio, Juan L. Ruiz de la Peña, Gerhard von Rad, Luiz Carlos Susin, Andrés Torres Queiruga, José Ignacio González Fauss, José Comblin, dentre tantos outros.

3 A expressão TAMO JUNTO é uma forma descontraída de dizer “estamos juntos”, “por perto uns dos outros”; tem algo a ver com “pode contar comigo a qualquer momento”. Em momentos difíceis “estou por aqui”. Em alguns casos é acompanhado pelo gesto tocar a mão um do outro/a com ela fechada em sinal de proximidade e de apoio, de pertencimento. Nasceu entre os jovens, mas alastrou-se entre todas as idades.

## 1. O JARDIM REQUER CUIDADO, NÃO DOMÍNIO - GN 1,28

A Palavra de Deus nos diz que o Senhor, nosso Deus Criador, ao criar o mundo e tudo que nele existe, gostando do que criava... via que “*tudo era bom!*” - cf. Gn 1,3-25 - e ao criar o ser humano, gostou  *muito* do que acabara de criar - cf. Gn 1,26-31. A imaginação nos leva para este cenário mítico e a compará-lo com o que atualmente vivemos. Quanta diferença! O que aconteceu todos sabemos... O Papa Francisco aponta com muita propriedade para este rosto:

Somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudanças: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, a medicina moderna, a informática e, mais recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias. É justo que nos alegremos com estes progressos, e nos entusiasmemos à vista das amplas possibilidades que nos abrem estas novidades incessantes, porque ‘a ciência e a tecnologia são produto estupendo da criatividade humana que Deus nos deu’ (LS n. 102, citando João Paulo II).

O relato bíblico da criação não é contra o progresso técnico-científico, a evolução gerada pela pesquisa e pela ciência; a questão está no  *como* isso é feito, na  *medida* que isso acontece, a  *quem* interessa e  *quem* se beneficia com isso... Ao ser humano foi dado o mandato de administrar responsavelmente o Jardim. De colocar-se e colocá-lo a serviço da humanização de todos e todas. De tirar dele o  *necessário* para a sua sobrevivência, sua felicidade e bem-estar, e aqui sabemos exatamente o que aconteceu. A soberba, a ganância, o domínio depredador e abusivo da terra, instrumentalizou o mundo e mostrou a face do mal<sup>4</sup>. O que está acontecendo com a nossa casa? Esta é a questão colocada por Francisco no capítulo I da  *Laudato Si*, com cenários assustadores que mostram uma realidade muito diferente do que podemos chamar de “*paraíso*”.

O mandato bíblico do relato criacional de “*submeter a terra e dominá-la*” tem sido usado para justificar o cenário que a civilização pós-moderna - Civilização Industrial - produziu sob a égide do progresso: poluição, mudanças climáticas, a questão da água, devastação das florestas, perda da biodiversidade, insuficiência de alimentos, esgotamento das reservas naturais, urbanização descontrolada, corrida armamentista, efeito estufa, perda da qualidade de vida. Necessitamos voltar à Palavra de Deus para rever errôneas interpretações e recuperar o amor e o respeito pela criação. O ser humano foi a última criatura a ser criada, recebendo do Criador a tarefa de  *subjugar* a terra e  *dominar* os animais - cf. Gn 1,26.28 -. Segundo Garmus (1992, p. 278) o termo subjugar ( *kabas*) pode significar reprimir, violentar uma mulher; mas geralmente tem o sentido de Sl 8,7 e Js 18,1 que é tomar posse, dar proteção, amparar, proteger e o autor do relato sacerdotal quis registrar que o ser humano deve tomar pé da terra, habitá-la, e dela viver. O mesmo vale para o  *dominar* ( *radah*); esta expressão não indica poder destruidor, ao contrário, aponta para o ideal de dominação comum no Antigo Oriente, o bom pastor. É neste sentido que o rei Hammurabi, no seu famoso Código de Leis, se intitula  *pastor* de seu povo. Nesta mesma linha de pensamento, podemos compreender a figura de Jesus, o Bom Pastor - cf. Jo 10,1-16 -. Assim, a descrição

4 Cf. RUBIO, Alfonso García, 1993. O capítulo 16 -  *O mal: onde se encontra o ser humano criado à imagem de Deus?* - é um estudo profundo sobre a temática do mal à luz da filosofia, da teologia e suas implicações pastorais.

do relato sacerdotal da criação - Gn 1,1-2,4a - pode ser vista numa perspectiva de criação de ambientes favoráveis à vida, ou biosferas. Toda a criação participa de certa forma do ato criador, sendo causada e se autocausando, se autorreproduzindo e assumindo uma função relacional com as outras criaturas (GAMUS, p.279). Esta relação nos faz parte integrante da terra, e não donos dela.

Recentemente Leonardo Boff, respondendo a uma polêmica ideologia discutida por analistas políticos no seio de grupos neopentecostais, da teologia da prosperidade, intitulada *teologia do domínio*<sup>5</sup>, afirma que tal teologia é uma falácia e que - Gn 1,26-29 - deve ser lido e interpretado na ótica da expressão afirmativa da criação do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus. “Assim como Deus extraiu tudo do nada, deve o ser humano, criado criador, levar avante o que Deus criou com benevolência: ‘Deus viu que era bom’ - Gn 1,25 -” (BOFF, 2024). O ser humano criado à imagem e semelhança (*selem e demût*) toma lugar de representante, lugar tenente do Criador. Uma hermenêutica ideológica apresentada como “*palavra e vontade de Deus*” alastra-se e ganha adeptos e, unida às políticas econômicas que visam o crescimento como parâmetro de progresso, tem como produto social a realidade de crise que vivemos, não só ambiental. Um olhar panorâmico sobre outros aspectos mostra a degradação social, uma desigualdade planetária que afeta indivíduos e países inteiros, gerando animosidades entre eles na disputa pela hegemonia do poder, de quem tem o controle de tudo. Dizer que isto são conseqüências da crise ambiental é uma resposta rasa, talvez ingênua. Mas não podemos negar que, como uma bola de neve, uma coisa puxa a outra.

A desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar numa ética das relações internacionais. Com efeitos, há uma verdadeira ‘dívida ecológica’, particularmente entre o Norte e o Sul, ligada a desequilíbrios comerciais, com conseqüências no âmbito ecológico e com o uso desproporcional dos recursos naturais efetuado historicamente por alguns países - LS n. 51 -.

Poderíamos dizer que o assistimos à *arrogância mortal do ser humano moderno*. Vivemos uma guerra com o próprio meio ambiente, contra os outros, nossos irmãos e irmãs, contra nós mesmos pois não podemos ser o que somos, mas perseguimos alcançar a imagem biofísica, intelectual, psicológica que outros têm - ou querem - de nós, prescrito pelo mercado que *cria um mecanismo compulsivo para vender seus produtos* - LS, n. 203 -. Uma das formas de respondermos às exigências impostas pela *cultura do ter* é o consumo exacerbado por coisas que não necessitamos, mas que nos outorgam poder, visibilidade social e status. O Papa Francisco propõe que repensemos a nossa utilização de poder: as maravilhosas tecnologias utilizadas para dizimar populações, aniquilar grupos étnicos causadas pelo paradigma tecnocrático e alerta para o significado e os limites do uso do poder (LD, n. 24-28). Isto incide fortemente no uso das matérias primas que a natureza nos oferece, muitas delas não-renováveis,

---

5 A **teologia do domínio** nasceu nos EUA por volta dos anos 70 num contexto de reconstrucionismo cristão calvinista. Calvino, que no século XVI instaurara em Genebra um governo rigoroso e violento até com pena de morte, imaginava este modelo com abrangência para o mundo todo. Também chamado de dominionismo, agrupa várias tendências cristãs fundamentalistas, inclusive integralistas católicos. Tem como base bíblica o primeiro capítulo do Gênesis - Gn 1,26-29 - que, segundo tal interpretação, legitima todo tipo de dominação, até mesmo a violência, e serviu aos desenvolvimentistas de argumento para o seu projeto de crescimento ilimitado (BOFF, 2024).

utilizadas inconsequentemente para a nossa busca de segurança. *Quando as pessoas se tornam autorreferenciais e se isolam na própria consciência aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio esta o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir, consumir* - LS n. 204 -. Até mesmo os Direitos Humanos parecem não ser para todos, diz o Papa Francisco, carregam muitas vezes contradições, pois levam a questionamentos sobre a igualdade de todos os seres humanos. Por exemplo: *“a organização das sociedades em todo mundo ainda está longe de refletir com clareza que as mulheres têm exatamente a mesma dignidade e idênticos direitos que os homens”* (ibid. n. 23).

O consumismo em excesso e a consequente rejeição após usufruir dos produtos consumidos, o destino do que é excedente, levou a humanidade à cultura do descarte, cujas consequências se mostram igualmente desumanas e letais. Urge pensar uma saída para que o sonho de uma *Terra sem Males* comece a ser vislumbrado entre nós e alimente um *esperançar*<sup>6</sup> para as gerações futuras.

## 2. ENTRE O BEM VIVER E VIVER BEM - O CONSUMISMO LETAL

O sonho de todas as pessoas é viver bem. E viver bem é sinônimo de comer bem, morar bem, dormir bem, vestir-se bem, enfim... que mal há nisso? Costumamos ouvir e dizer: trabalho para isso! Posso me dar este luxo! Quando morrer, não levarei nada! E coisas deste tipo que justificam este desejo de vida boa. Quem pode negar a validade deste desejo?

Dentre os inúmeros argumentos problemáticos ao desejo antropológico de viver bem, aponto quatro que vão ao encontro das advertências do Papa Francisco e também por terem um peso ético muito grande nas questões ambientais aqui levantadas.

Uma primeira questão é que tudo que temos, utilizamos, produzimos vem da natureza. Mesmo o que dizemos “sintético”, artificial, não natural, passado por processos químicos sofisticados, é a Mãe Terra que nos dá. Muitos deles renováveis, outros não. Quando utilizados de forma irresponsável, os renováveis não dão conta da demanda de consumo, seu tempo é mais lento; e os outros, uma vez usados, não mais são encontrados. As gerações futuras pagarão um alto preço por esta postura da atual civilização.

A segunda problemática, de certa forma consequência da primeira, é o excesso de lixo produzido pelo consumo exagerado e desnecessário que produzimos. O crescimento avassalador dos resíduos sólidos, relacionados à lógica produção/consumo, tem preocupado os ambientalistas de todo o mundo e também o Papa Francisco, que aponta para a “cultura do descarte”. Para além do descarte de objetos, alimentos ou bens supérfluos, assistimos também, ao descarte humano, de pessoas que não se enquadram dentro do projeto econômico de desenvolvimento planetário. Descarta-se os idosos, as crianças, os deficientes, os migrantes através de mecanismos de exclusão que dificultam a acessibilidade social como o emprego, educação, qualificação profissional, trânsito midiático, portabilidade de produtos eletrônicos de alto custo que são a porta para maior visibilidade profissional e social e, consequentemente, a sua própria inclusão no mundo do não-descartável - FT, n. 18-21 - Esta cultura tem um forte desdobramento ético-antropológico porque além de pessoas, elimina pelas ideologias político-econômicas

---

6 “É preciso ter esperança do verbo *esperançar*, porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E a esperança do verbo *esperar* não é esperança, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *Esperançar* é ir atrás, *Esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *Esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro jeito” - Paulo Freire.

que a regem países, etnias, continentes<sup>7</sup>. A maneira como nos relacionamos com a natureza, o modo de produzir e de consumir, o modelo produtivista-consumista é a causa fundamental da depredação das condições ambientais (LESBAUPIN, 2017, p. 23). A degradação ambiental está diretamente ligada às mais diversas atividades humanas

E um terceiro ponto que não pode ser omitido é a desigualdade social que o viver bem nos escancara, pois está fortemente ligado ao consumismo. As atuais condições da nossa sociedade, em que as pessoas são privadas dos seus direitos fundamentais o *viver bem* de muitos é uma afronta ao *não-viver-dignamente* de tantos... o princípio do bem comum é um imperativo ético para a sua realização. *A Laudato Si'* apela para a ecologia da vida cotidiana. Lembra-nos que o autêntico progresso deve verificar uma melhoria global na qualidade de vida humana: nos ambientes onde as pessoas vivem como a casa, o lugar de trabalho, bairros periféricos; a existência de superpopulação de tantas pessoas que vivem no anonimato das cidades, favorece comportamentos antissociais e violências. A falta de habitação, ou a não-possibilidade de possuir uma casa própria, é uma questão central de ecologia humana bem como a penúria extrema pela qual passa nosso povo que depende de transporte público - LS, n. 147-153 -.

E um último ponto ligado ao viver bem e que nos coloca frente a frente com a ecologia humana ressaltada na LS é o nosso corpo. *É preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos* - *ibid.* n. 155 -. A consciência de que somos corpo, corporeidade, nos integra ao meio ambiente como parte dele, aceitando suas conexões e louvando ao Senhor da Criação por fazer parte da Casa Comum. E mais ainda: *... é possível aceitar com alegria o dom específico do outro ou da outra, obra de Deus criador, e enriquecer-me mutuamente* - *ibid.* -. Confrontar-me com a diferença sexual não é salutar, nem humano.

Visto isto, podemos vislumbrar com muita nitidez que o que afeta o meio ambiente, também afeta o ser humano, irremediavelmente. E qual seria então a saída ou soluções possíveis para a crise ambiental que já assola o nosso mundo? O que é possível fazer? Em que podemos contribuir? Não sei se podemos chamar de solução, ou saída, mas o que sabemos é que os humanos precisam aprender uma nova forma de viver!

Na América Latina, nas últimas décadas, surgiram algumas propostas sérias, para uma mudança profunda, paradigmática no que tange à forma de habitar a terra e do nosso relacionamento com ela. O BEM VIVER - *Teko Porã* - sistema milenar educativo de equilíbrio, é uma proposta alternativa de organização para que o desenvolvimento econômico ocorra de forma civilizada, para construir coletivamente uma nova forma de vida. Não propõe uma volta ao passado, mas recolhe aquilo que existe de melhor das práticas, sabedorias e nacionalidades indígena ou nativa. Está ancorado no *legado dos povos andinos, suas práticas cotidianas e sua sabedoria prática*. (Héctor Alimoda - sociólogo argentino) e tem como ponto de partida ver a vida e a sua relação como uma *Pacha Mama*<sup>8</sup>. Mas, o Bem Viver como proposta

---

7 BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**, 2008; *idem*. **Tempos Líquidos**, 2007. O termo *liquidez*, cunhado por este autor, descreve de forma cirúrgica questões como as que estamos refletindo: o descarte de tudo, aceleradamente, e a transformação do ser humano em mercadoria, por isso, também passível de descarte.

8 *Pacha Mama* - *Pacha* = universo, mundo, tempo, lugar; *Mama* = mãe; significa Mãe Terra, é a deidade máxima dos povos indígenas dos Andes centrais. *Pacha Mama* é uma deusa que gera. Ela personaliza e dá vida à proposta do Bem Viver: proposta para uma transformação civilizatória especialmente a partir dos mundos indígenas equatoriano e boliviano, caldeirões de longos processos históricos, culturais e sociais. (ACOSTA, 2016, p. 23).

alternativa que se baseia no respeito e convivência harmoniosa entre os seres humanos e a natureza, não exclui outras contribuições da vida comunitária não indígena.

Como proposta de construção de uma sociedade alternativa, o Bem Viver critica o Estado monocultural, a deterioração da qualidade de vida, a economia capitalista de mercado, a perda da soberania em todos os âmbitos, a marginalização, a discriminação e a pobreza, as iniquidades. Supõe, assim, uma comunidade integradora, uma comunidade da Mãe Terra (ACOSTA, 2016, p. 86-87).

A Mãe Terra não tem capacidade de absorção e resiliência para que todos desfrutem do consumismo e do produtivismo próprios dos países industrializados. Nas cosmovisões indígenas os seres humanos não apenas convivem com a natureza de forma harmoniosa, mas formam parte dela: são a natureza! É uma relação de amor, ou devia ser... O Bem Viver supera o tradicional conceito de desenvolvimento - e o que a ele se relaciona - oferecendo uma visão mais diversificada, ainda que mais complexa. Revela os erros e as limitações do chamado desenvolvimento, que se apresentam com características contraditórias ao que próprio nome representa, uma vez que o dito desenvolvimento nos países que se assumem como desenvolvidos abre brechas cada vez maiores entre ricos e pobres e o aceleramento das desigualdades contrasta com o acelerado processo de industrialização, produtividade e consumismo (ibid., p. 24). Esta proposta não visa somente uma mudança que nos faça compreender e frear a crise ambiental e consequentemente climática. É bem mais audaciosa quando atinge no seu bojo o processo de colonialidade, o patriarcado, o racismo estrutural, pois o seu cumprimento implica rever também *um processo de descolonização intelectual, nos âmbitos político, social, econômico e social* (ibid. p.72). Por isso...

O Bem viver propõe uma cosmovisão diferente da ocidental, posto que surge de raízes comunitárias não capitalistas. Rompe igualmente com as lógicas antropocêntricas do capitalismo enquanto civilização dominante e com os diversos socialismos reais que existiram até agora - que deverão ser pensados a partir de posturas sociobiocêntricas e que não serão atualizados simplesmente mudando seus sobrenomes (ibid.)

A lógica deste processo, sua preocupação não é o acúmulo de bens, coisas para viver melhor - viver bem - como visto acima, colocando em risco a vida do planeta para as próximas gerações. Daí esta alternativa ser subversiva pois propõe saídas descolonizadoras e uma visão holística e integrada do ser humano; *um conceito de comunidade onde ninguém pode ganhar se seu vizinho não ganha* (ACOSTA, 2016, p. 76) - na contramão do capitalismo que para que eu ganhe, alguém tem que perder. Aponta para uma *ética da suficiência* para toda a comunidade e não para o indivíduo isolado. O *Outro* desapareceu com o desenvolvimento; o Bem Viver resgata as diversidades, valoriza e respeita o outro; emerge como parte de um processo que permitiu empreender e fortalecer a luta pela reivindicação dos povos e nacionalidades, em sintonia com as ações de resistência e construção de amplos segmentos de populações marginalizadas e periféricas, por isso a subversão. Não é só um conceito é uma experiência, é uma vivência.

### 3. ALTERIDADE AMBIENTAL - O OUTRO CÓSMICO

Para se pensar, refletir e agir no cenário hodierno de crise ambiental, o tema da Alteridade pode ser uma ferramenta ético-filosófica muito apropriada. Emmanuel Lévinas nos introduz neste fabuloso mundo. Um *mundo* que contrasta com o mundo em que vivemos, em que cada vez mais o que conta é o *agora*, o *Eu*, o *meu*. Falar de alteridade é falar do “Outro”. Alteridade é, antes de tudo, aceitar e conviver com a ideia de viver é *com-viver* com muitos *Outros*.

O Outro levinasiano adquire múltiplas interpretações que não fragmentam o vasto e complexo conteúdo que ele nos oferece. O Outro é próximo, o que se achega, real, tem rosto, é revelação: o pobre o órfão, a viúva e o estrangeiro, categorias que dão *Rosto*, por excelência, à irrupção do Outro diante de mim, Outro-Rosto. O Outro-próximo chega independentemente do conhecimento, do parentesco biológico ou de relações preestabelecidas ou afetivas. Sua chegada - visitação - irrompe meu ser, enfrenta-me, desafia-me, quer eu queira, quer não, e apresenta-se como igual. Uma igualdade na pobreza essencial consiste em referir-se ao Terceiro - presença de toda humanidade que nos observa -; é o imperativo de *ser nós*, é o que nega a tentação do *Mesmo*, é o apelo do Outro à responsabilidade.

O *Outro-próximo* de Lévinas é aquele que me convoca ao cumprimento dos meus deveres; obriga-me a ser responsável por ele; é um apelo ético. Um apelo inscrito no *Outro-Rosto*, pois o Rosto é *Olhar* que fala, que exerce autoridade do *ente* sobre o *ser*, não apelando ao poder e à posse. Não é conteúdo de fruição - utilidade - logo, não é coisa. O Rosto é expressão da alteridade, sua epifania é um discurso, torna-se linguagem ética. O Rosto traz até o *Eu/Outro* - até *Mim* - a sua nudez indigente, “coberta” de um despojamento ímpar, pois essa nudez, na realidade, representa a irrupção da nudez do mundo, da sua fragilidade, a sua miséria e humildade que anuncia a dimensão ética dessa visitação. No Rosto-Outro está contida a verdade metafísica que condiciona a minha relação com Deus, que passa, necessariamente, pelo Outro-irmão.

O Rosto não aceita meu poder sobre ele. Convida à uma relação única, sem igual: desafia o *meu poder de poder*. Lévinas, judeu convicto, profundo conhecedor dos escritos veterotestamentários e talmúdicos, aponta as relações humanas como ligadas a um mandamento como conteúdo da revelação e da aliança entre Deus e a humanidade. O gênero bíblico-narrativo, objetiva explicitar que os seres humanos são hóspedes da terra, e como tais devem ser hospitaleiros uns com os outros. Isso é também um mandamento. E este mandamento, feito palavra e linguagem metafísica inscrita no Rosto é “Não matarás!” - um mandamento à não-violência, ao meu poder de negação do Outro, *é um não ao não!* O imperativo negativo do 5º mandamento do decálogo traz em si uma real positividade pois “*acusa e nega a negação*”. Não poderíamos também associar esta relação com o Outro na perspectiva da interdição do fruto do paraíso: o outro seria, neste caso, o fruto proibido para o meu gozo, para o meu domínio, para a minha manipulação e lucro? Vale pensar.

Podemos também inserir o mandamento ético Sua Metafísica da Alteridade é um contraponto à Ontologia da Totalidade. O “*Não matarás!*” pode ser aplicado em outras relações, não necessariamente antropológicas, e, pontualmente, neste ensaio, a relação com o meio ambiente, com a natureza, com a biodiversidade que têm estado reféns de atos destruidores, homicidas. Claro está que a obra levinasiana contempla o universo humano e suas relações. Mas permito-me alargar este espaço e aproximar com

respeito e muita responsabilidade algumas das categorias filosóficas de Lévinas do Outro-Terra, Outro-Natureza, Outro-Meio Ambiente, Outro-Planeta como alteridades cósmicas, imprescindíveis e necessárias à sobrevivência humana; alteridades que nos interpelam e cuja *crise* pela qual passam é, por si só, um apelo do descontentamento ao modo de nos relacionarmos com a ela, e todos os Outros da nossa Casa Comum.

Penso que categorias acima citadas - e tantas outras - para identificação do Outro podem ser também usadas para identificar a Natureza/Terra/Meio Ambiente, sem forçarmos o método epistemológico. O Rosto da Mãe Terra que se apresenta nu ao nosso pode acolhido, visibilizado e sentido, contemplado e acariciado na sua beleza ímpar, na exagerada produção de alimentos, nas estratégias climáticas que nos mantêm em equilíbrio com a biosfera, na capacidade de gerar beleza e diversidade com propósitos bem definidos e estratégias bem eficazes, na imensurável capacidade de superação e autorregeneração, na inexplicável perfeição seus processos estéticos... Perceber isso só é possível porque a Natureza é palavra e linguagem, é irmã, como nos lembrou São Francisco. O meio ambiente também se apresenta a nós como Alteridade ética, que com suas leis próprias, autonomia sistêmica e cíclica nega-se ao desejo desumanizado que mata, fere, destrói. O mundo capitalista e a economia que o sustenta baseiam-se na premissa de que o melhor nível social possível se alcança deixando em liberdade cada indivíduo - valor fundamental - na busca da realização pessoal. A *negação do outro* é crucial num ambiente de competição, de mercado, a partir da defesa irrestrita da propriedade privada. Funda-se no paradigma do *eu-sem-nós* (Marcos Arruda) e na propriedade privada dos meios de produção, gerando uma ordem cósmica autorregulada, sustentada pelo individualismo (ACOSTA, 2016, p. 80).

Na aproximação com a filosofia levinasiana a natureza desprovida de uma alteridade que a considere Outro/Outra e, portanto, que a acolha como Outro-próximo, irmã, mestre, portadora de uma *altura* que me faz sempre discípulo/discípula, seres assimétricos e irrecíprocos... apresenta-me seu Rosto/Outro, parcialmente visível nos rios e mares, nas terras fecundas, espécies animais e vegetais, na inconstância do clima, nas imprevisibilidades epidêmicas, nos transtornos atmosféricos, etc. Tudo grita para mim, para todos e todas. É a linguagem da irmã-natureza. São gritos do meio ambiente: “*Não nos matem!*”. São pedidos de socorro para que paremos, que estanquemos nossa soberba, nossa ganância e egoísmo, dizendo que precisamos viver e, sem ela, sucumbiremos.

O Rosto que me olha, fala; sua *linguagem* clama por *justiça*, pois quem fala pelo Rosto de Outrem é o *Terceiro*. A presença do *Terceiro* no rosto do próximo - incluindo aqui a Terra, nossa Mãe, *Pacha Mama* - alarga os horizontes, interpõe a humanidade inteira, que me olha através dos seus olhos, no meio de nós, e, ao mesmo tempo, afasta-se deles. Se normalmente a relação com o meu próximo possuía um caminho Eu-Tu, o *Terceiro* apontado por Lévinas coloca um certo limite à minha responsabilidade despertada pela voz da consciência que pergunta:

“Que tenho eu a ver com a justiça?”. É uma questão de consciência: É necessária a justiça, quer dizer, a comparação a coexistência, a contemporaneidade, o agrupamento, a ordem, a tematização, a visibilidade dos rostos e, por aí, a intencionalidade e o intelecto: e na intencionalidade e no intelecto, a inteligibilidade do sistema e, por aí também uma copresença numa base de igualdade como diante de um tribunal - Lévinas, AE, 1978, p. 200.

Com esta chave de leitura, partindo do Terceiro, Lévinas chega à essência da sociedade que para ele é uma comunidade humana, não apenas composta de indivíduos, mas apoiada numa irmandade muito mais profunda que a semelhança. O Outro é, de repente, o irmão/irmã de todos. A relação com o Rosto na perspectiva da fraternidade humana, da solidariedade com todos outros - que chama de Terceiro - é também chamado por ele de *ordem social*, ponto de referência para o diálogo com o Terceiro. O Terceiro é, portanto, a presença de toda a humanidade no Rosto do Outro que é infinito; é a manifestação de toda a sua indigência e vulnerabilidade; um Rosto falante, pois fala a linguagem deste Terceiro que é a linguagem da justiça, da ética.

Esta dinâmica, também chamada de *intriga do Terceiro* provocada *pelo* e *no* Rosto-Outro nos ajuda a entender o grito da Natureza, audível e visível nestes tempos tão dramáticos em relação ao meio ambiente. O Outro, Alteridade cósmica quer que ouçamos o seu grito “*Não me mates!*” e todos os desdobramentos que este imperativo significa. A experiência da Alteridade implica mais que respeito mais que o cumprimento legalista de atos mecânicos, de cuidado com o planeta; da enumeração criteriosa de posturas de sustentabilidade. A atitude metafísica da alteridade ambiental exige que humanizemos o nosso olhar para que possamos ver a Mãe Terra com olhos de filhos e filhas, de irmãos e irmãs, de seres realmente humanos e dela dependentes. Isso pressupõe uma dinâmica de conversão/salvação em todos os níveis, também ecológica.

#### 4. CONVERSÃO ECOLÓGICA: DIMENSÃO INTRÍNSECA DO REINO

Para a fé cristã, a salvação consiste numa postura diante da vida condizente com a postura, ações e ensinamentos de Jesus de Nazaré. Já no Antigo Testamento temos o registro do Deus de Israel, manifestando-se no interior histórico dos acontecimentos que compunham e conduziam a vida desse povo. A fé de Israel surge assim do encontro com esse Deus salvador, um Deus que intervém na história humana para salvar esse povo; um Deus que *vê* e *escuta* o clamor dos oprimidos. - Ex 3,7-10 -. Nessa experiência de salvação-libertação o povo compreendeu também que o mesmo Deus que o salvou é responsável pela criação, nascendo então a fé no Deus Criador (RUBIO, 1989, p. 94). Podemos dizer que a salvação tem seu início na criação do mundo e do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus; uma imagem, cuja perfeição sonhada e modelar foi mostrada por Jesus de Nazaré, e a humanidade é chamada a ser como Ele. Esse processo que implica a construção da comunhão intersubjetiva entre as pessoas pela eliminação da opressão e exclusão é também um movimento de *re-criação* que exige do ser humano o estabelecimento de vínculos novos com a natureza e o meio ambiente. A alteridade de cada criatura - humana ou não - exige reconhecimento. A práxis libertadora que realiza o sonho de Deus para nós, que possibilita e reafirma a salvação é uma luta constante para efetivar a complementaridade, a reciprocidade, a harmonia entre os seres, unificando-os, mas salvaguardando as diferenças. É um processo de conversão.

Neste horizonte contemplamos a natureza. O cuidado com a Casa Comum, e todas as iniciativas no sentido de resguardá-la estimula a teologia e os cristãos a revisitar a tradição mistagógica, tão rica de espiritualidades que contemplam a oração, a meditação, exercícios espirituais que harmonizam o ser humano consigo mesmo, com Deus e com a Natureza, alteridade-ecológica.

Pode também contribuir para redescobrir na Bíblia a participação das criaturas no projeto salvador de Deus. (MURAD - org. 2016, p. 57).

*A ecoespiritualidade cristã está fundada numa visão unificadora, que compreende o espiritual não como oposição à matéria, mas como estágio final de sua evolução, seu significado derradeiro* (ibid. p. 58). A espiritualidade franciscana encarna bem esta ideia e dá sentido à fraternidade vivida por Francisco com os irmãos sol, lua, animais e plantas... até mesmo com a irmã morte! Para alegria nossa, assiste-se hoje a um engajamento significativo de cristãos, cristãs e irmãos de outras igrejas em trabalhos relacionados ao meio ambiente: conscientização sobre a poluição dos rios, correto descarte do lixo e consequente reciclagem, indicação correta para o descarte de remédios e eletrônicos, alertas para a gigantesca produção de lixo sem espaço hábil para armazenamento. São algumas iniciativas comuns, às quais somos chamados a aderir. Estas posturas socioambientais podem parecer insuficientes e pequenas, mas traduzem um difícil e longo processo de conversão, tanto no sentido bíblico-teológico, quanto na formação da consciência ético-cidadã. E neste movimento a fé nem sempre é o motor catalisante, mas sim o cuidado com o planeta, cuja extinção incide diretamente na nossa vida. Neste processo, a diversidade de propostas e alternativas são muitas: ambientalistas, sociólogos, teólogos, políticos sérios são uníssonos ao dizerem que uma solução possível parte da estratégia de viver com simplicidade. Uma simplicidade que começa pelo uso do poder. Poder que não passa, necessariamente, pelo poder político dos governantes, mas também pelo poder exercido diariamente, obtido pelo fato de também sermos possuidores de direitos. Um poder que se assemelha ao poder-serviço vivido por Jesus, e mais que nunca necessário para reorganizar a sociedade; um serviço que renuncia a todo e qualquer tipo de poder que signifique dominação sobre os outros, pessoas e seres da natureza (BOFF, 2022, p. 82).

Jesus viveu o amor-serviço anunciando a boa nova do Reino de Deus. Entender o significado deste “Reino” pode nos abrir horizontes de compreensão sobre a crise ambiental e oferecer esperança para enfrentá-la. O Reino de Deus é o anúncio de um acontecimento que irrompe a história. Anúncio aos seus prediletos destinatários: os pobres, as pessoas simples, os camponeses, mulheres e crianças, de que Deus já está entre eles, trazendo vida, justiça e paz; que deve ser acolhido com alegria e fé. Ao falar do Reino, Jesus não explica diretamente em que consiste, embora tal expressão “reino de Deus” fosse usada correntemente pelo povo que expressava sua fé em Deus como *rei*; um Deus grande que o havia *libertado*; como *pastor* e *pai* porque haviam feito a experiência do seu amor, da sua proteção. A proposta de Jesus é sedutora: O Deus-rei de Jesus fala e se aproxima dos pobres, dos mais esquecidos e marginalizados, dos desprezados, coletores de impostos, das prostitutas, endemoninhados, samaritanos. O rei apresentado por Jesus era diferente! Os reis anteriores não corresponderam às esperanças que Israel pusera neles (PAGOLA, 2011, p. 115-117).

Onde estaria o Deus de Israel? O mundo estava corrompido pelo mal, a criação inteira estava contaminada, Israel parecia prestes a desaparecer, era urgente que Ele se revelasse para manter a fé e a certeza de que estava no controle da história. Jesus apresentou-lhes, e o apresentou como seu Pai. Uma boa notícia: Deus já está no meio de nós, na luta contra o mal que assolava o seu povo. *O Reino de Deus abre caminho lá onde os enfermos são resgatados do sofrimento, os endemoninhados se veem libertados de seu tormento e os pobres recuperam a dignidade* (ibid. p. 125). O reinado de Deus é exercido de forma diferente; o poder deste rei não almeja destruir seus inimigos, como apontam

muitos textos veterotestamentários. Seu poder é colocar-se do lado dos que sofrem, ficando contra o mal, pois é característica do Reino de Deus libertar todos das amarras que os impedem de viver feliz e dignamente. Seu reinado não é para impor-se a ninguém pela força, mas para encher o mundo criado da sua misericórdia. Esta atitude - e só esta - poderá salvar o nosso mundo, reverter a crise ambiental, devolver a esperança entre os povos, desencadear a amizade social: o Deus que vem reinar não manifesta seu poderio colocando-se “*acima de todos*” ou “*acima de tudo*”, mas no “*meio de todos*”, “*junto de nós*”. Por isso, Jesus ao falar dele, não o chama de rei, mas de Pai!

As atitudes de Jesus, manifestadas para além das suas palavras, nas curas e nos sinais/milagres realizados, escandalizava os setores mais fanáticos e próximos ao poder romano e religioso pois não excluía ninguém do seu anúncio, do seu projeto, ao contrário conclamava ao arrependimento, à conversão e à adesão ao Reino De Deus. Todos podem participar, entrar neste Reino, mas não da mesma maneira; *a misericórdia de Deus está urgindo antes de mais nada que se faça justiça aos mais pobres* (ibid. p. 130). Pode soar estranho, mas fomos acostumados a pensar na neutralidade de Deus, que ama seus filhos igualmente. Por que privilégios? Como uma mãe que volve sua atenção para o filho acamado, doente, que precisa dela, em detrimento dos outros sãos, também o nosso Deus-Rei-Pai-Mãe, se põe do lado dos pobres - não porque mereçam, não é meritocracia; não é uma questão moral, mas porque precisam! Estão adoecidos num mundo que os excluiu, que os mata, que não lhes dá lugar nem oportunidades para viver. É uma questão de justiça, e, conseqüentemente, ética. *Deus ama mais, aqueles que nós amamos menos...*

Jesus, ao anunciar o Reino de Deus, o faz para ver o mundo transformado. Um mundo que está exigindo mudanças profundas, onde Deus reine. Um reino que ultrapassa as esferas políticas, mas cujo sonho/proposta e compromisso de viabilidade plena têm conseqüências de ordem política e social, cultural e econômica. O tema aqui proposto não é um desafio apenas para a teologia. Vimos sua abrangência e nefastas conseqüências de ordem socioeconômica, político-religiosa, ético-moral. O Papa Francisco propõe uma reflexão multidisciplinar, que pode ser acolhida por todos que realmente se sentem responsáveis por este planeta que nos acolhe e nutre. Temos convicção que, assumindo nossa responsabilidade e acolhendo a proposta do Reino Deus “*já-ainda não*” - presente, mas não plenificado - o tempo de salvação profetizado por Isaías 65,20-22, pode ser vislumbrado na atuação de Jesus, será agora percebido na nossa luta contra o mal, a injustiça, a morte presentes na nossa Casa Comum.

## 5. O CHAMADO À RESPONSABILIDADE

Neste item que pretende ser um chamado ao bom senso e à nossa consciência planetária, iniciamos transcrevendo uma fala do Papa Francisco que me parece um grito de amor e de esperança diante da realidade ecológica:

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. [...] O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico; juntamente com a importância dos pequenos gestos diários, o amor social impele-nos a pensar em grandes estratégias que detenham eficazmente a degradação ambiental e incentivem uma cultura do cuidado que permeie toda a sociedade - LS, n. 231 -.

A amizade social percorre a proposta das exortações e orientações do nosso amado Papa Francisco para a difícil tarefa frente à crise ambiental. Pensar soluções urgentes e eficazes para tão grande problema é difícil, mas *no seio da sociedade floresce uma variedade inumerável de associações que intervêm em prol do bem comum, defendendo o meio ambiente natural e urbano* - LS, n. 232 -. Vamos recolher aqui algumas intuições, esquematicamente, que nos parecem possíveis de serem inicialmente pensadas e, depois, quem sabe, assumidas no nosso cotidiano de forma consciente e responsável. Todas elas tiradas dos documentos aqui refletidos como objetivo deste ensaio, com o propósito de serem incorporadas à nossa vida, como ecoespiritualidade, ao nosso discurso como uma ecoteologia<sup>9</sup>, e como resposta concreta ao sonho inicial da Criação do cuidado com o Jardim, nossa morada, em harmonia com as demais criaturas. Todas juntas e misturadas!

- Primeiramente surge a necessidade de uma visão mais ampla, menos ingênua sobre efeitos do progresso, inimagináveis nos séculos anteriores. O que nos é pedido agora é uma certa responsabilidade pela herança que deixaremos após nossa partida - LD, n. 18 -.
- Ao ampliarmos a nossa visão sobre os efeitos dos danos e riscos causados pelas políticas desenvolvimentistas, iremos constatar as causas antrópicas - origem humana - das mudanças climáticas, da emissão de gases de efeito estufa, cuja causa se deve ao enorme progresso com a desenfreada intervenção humana sobre a natureza nos dois últimos séculos - LD, n. 11-14 -. Isto requer conversão ecológica.
- Sobre o uso do poder, Francisco alerta para a arrepiante capacidade humana sobre a tecnologia; sobre o poder dos que detém tal conhecimento e do conseqüente uso do poder econômico sobre ele. O uso irresponsável e inconseqüente do poder sobre as novas tecnologias e biotecnologias avançadas que somente uma pequena parcela da humanidade tem acesso é preocupante e assustador, além de arriscado! - LS, n. 104; LD, n. 23 -.
- Ainda sobre uso do poder, os seus detentores - países, monopólios econômicos, blocos políticos - carecem de uma ética sólida, uma cultura e uma responsabilidade que lhe ponham limites e o contenham no afã hegemônico, dentro de um lúcido limite de si - LS, n. 105; LD, n. 24 -. O poder é primeiramente um serviço.
- Uma consciência ética se impõe, uma vez que a lógica do lucro exigida pelo mercado, disfarçada de racionalidade e de progresso com promessas ilusórias, torna impossível qualquer preocupação sincera com a Casa Comum. Os pobres, confundidos e encantados ante as promessas de tantos falsos profetas, *caem no engano de um mundo que não é construído para eles* - LD, n. 31 -.
- Francisco chama a atenção para a fragilidade da política internacional lembrando a necessidade de cada geração abraçar como suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores, levando-as a metas mais altas. Lembra que o bem, a justiça, o amor e a solidariedade não se conquistam de uma vez por todas. Há necessidade de favorecer os acordos multilaterais entre os Estados - FT, n. 11.174; LD, n. 34 -, não confundindo multilateralismo com autoridade mundial concentrada numa só pessoa. O documento fala da necessidade de *organizações*

---

<sup>9</sup> **Ecoteologia** é como a fé que pensa em perspectiva planetária. Sugerimos a reflexão feita por Afonso Murad no livro por ele organizado: **Ecoteologia: um mosaico**; o capítulo VI é de sua autoria.

*mundiais mais eficazes que assegurem o bem comum mundial, a erradicação da fome e da miséria e a justa defesa dos direitos humanos fundamentais.* - LD, n. 35 -.

- Nossa fé nos motiva a novas posturas diante da crise climática, socioambiental, ecológica - diversos nomes para o mesmo problema, com diferentes manifestações - que ferem a semelhança por nós buscada, diante do sonho de Deus para nós: sermos a imagem do Filho - Cl 1,15-20 -. Temos responsabilidade com esta terra que Deus nos deu para tirarmos dela o necessário para a nossa sobrevivência e dela cuidarmos - LS, n. 68 - No entanto, apesar da natureza ser uma fonte inesgotável de variedades e espécies, muitas destas têm desaparecido e a atual crise aponta para a perda de outras tantas - LS, n. 86; LD, n. 63 -.
- A exemplo de Jesus, cujo contato e admiração pela natureza faz parte da sua mensagem, convidando seus interlocutores, por inúmeras vezes, a contemplá-la e captar a mensagem nela contida - sinais dos tempos - somos convidados/as a desenvolvermos uma mística que se encante com a presença luminosa de Deus em cada folha, vereda, no orvalho, no rosto do pobre - LS, n. 100. 233; LD, n. 64-65 -. *O mundo canta um Amor infinito, como não cuidar dele?*
- O convite é que caminhemos juntos em comunhão e com responsabilidade. O esforço por poluir menos, reduzir o esbanjamento, consumir de forma sensata, são sinais de conscientização e de adesão ao Bem Viver, já mencionado. São pequenos passos, mas altamente significativos para uma mudança no estilo de vida irresponsável que o modelo ocidental construiu - LD, n. 66-72 -
- E o Papa Francisco conclui dizendo: *Laudate Deum* é o título desta Carta, porque um ser humano que pretende tomar o lugar de Deus torna-se o pior perigo para si mesmo - LD, n. 73 -.

## ENFIM...

Nosso propósito com esta reflexão foi refletir sobre a crise climática que assola o mundo, que destrói a nossa terra, que inviabiliza a vida. Apontamos, panoramicamente, algumas causas e em todas vemos as mãos humanas - causa antrópica - conduzindo e acelerando o processo destrutivo para qual caminha a nossa Casa Comum e, inevitavelmente, todos nós. Longe de ser pessimista, tomamos emprestado para iluminar esta reflexão e buscar saídas, três documentos do Papa Francisco que, preocupado com o rumo das coisas, analisa, pondera, ilumina com a Palavra de Deus, solicita e aponta possíveis soluções e conclama a ações concretas. Utilizamos também alguns autores/autoras que já se debruçam sobre estas questões para nos ajudar nesta tão importante temática. Como contribuição de teor ético-filosófico, oferecemos a experiência da alteridade com o Outro-cosmos, já conhecido na perspectiva antropológico-teológica, mas aqui incluindo o meio ambiente, a natureza, a terra como um Outro-ético, que se apresenta como Rosto que grita “*Não me mates!*”. Proposta que nos parece possível e plausível de ser vivida, altamente teológica pois vai ao encontro da proposta salvífica trazida por Jesus e sonhado por seu Pai, nosso Deus-Criador: *criar novos céus e novas terras*, sem males, sem dores, sem sofrimento, sem guerras, sem ganância, sem destruição... - Is 65,17-25 -.

Imaginando como será este tempo, a realização desta profecia, reporto-me à passagem de Gn 4,1-9 - Caim e Abel - quando o Senhor pergunta a Caim sobre o seu irmão Abel... e sabemos a resposta dada por ele; resposta esta que a CF 2024 chama de *Síndrome de Caim* - a indiferença que temos

pelo que acontece aos outros: “*Não sei. Acaso sou guarda do meu irmão?*”. Alargando o horizonte e dando asas à imaginação provocada por esta reflexão teológica, penso que o Senhor já terá mudado a pergunta por ocasião da nossa chegada, quando do nosso encontro definitivo com Ele. Até porque nós não repetiremos a gafe de Caim, afinal aprendemos com Jesus o amor ao próximo, ainda que insuficientemente vivido, e por vezes, falho, mas aprendemos. O Senhor irá nos perguntar pelos irmãos e irmãs, mas também pelo Jardim... o que fizemos dele? Qual o cuidado que tivemos com as demais criaturas não-humanas, mas cheias de vida, de exuberância e de responsabilidade para com a sustentabilidade do nosso planeta? Onde estão? Como estão? Vieram com vocês?

Espero, ardentemente, que tenhamos tempo de refazer a trajetória, de correr atrás do perdido e diferentemente da resposta dada por Caim, possamos dizer: Senhor, cometemos muitos erros, mas acordamos, nos arrependemos, refizemos o trajeto, reconstruímos o que danificamos e chegamos todos, irmãos, irmãs, a natureza, o Jardim que nos destes para cultivar e guardar; estamos aqui, TAMO JUNTO! Amém.

## REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade de imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BOFF, Leonardo. **A teologia do domínio**: refutação de uma falácia. Instituto Humanitas Unisinos. 12 Mar 2024. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/637315-a-teologia-do-dominio-refutacao-de-uma-falacia-artigo-de-leonar-do-bo>. Acesso em 16/03/2024.

BOFF, Leonardo. **Habitar a Terra**. Qual o caminho para a fraternidade universal? Petrópolis: Vozes, 2022.

BOFF, Leonardo. **Propostas enganosas e verdadeiras para a crise planetária**. Instituto Humanitas Unisinos. 07 Fev 2024. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/636491-propostas-enganosas-e-verdadeiras-para-a-crise-pla-netaria-artigo-de-leonardo-bo>. Acesso em 12/02/2024.

BOFF, Leonardo. **Ética & eco-espiritualidade**. Campinas, SP: Verus, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Campanha da Fraternidade 2024. **Fraternidade e Amizade Social**. “Vós sois todos irmãos e irmãs” (cf. Mt 23,8). Brasília: Edições CNBB, 2023.

FERNANDES PINTO, Maria Joaquina. **Sexualidade e Salvação**. Reflexão antropológico-teológica sobre a importância da Sexualidade no processo salvífico, vivido na Alteridade à luz dos pensamentos de Emmanuel Lévinas, Eric Fuchs e Enrique Dussel. Tese de Doutorado. Departamento de Teologia, PUC - RJ, 2001.

KUBACKI, Marie-Lucile. “**Há um fenômeno Laudato Si’ na opinião pública**”. Entrevista com Bruno-Marie Duffé. Tradução de André Langer. Instituto Humanitas Unisinos. 22 Mai 2020. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/599218-ha-um-fenomeno-laudato-si-na-opinioao-publica-entre-vista-com-bruno-marie-du>. Acesso em 12/02/2024.

LESBAUPIN, Ivo. **Para evitar o desastre**: Como construir a sociedade do Bem Viver. Cartilha ISER Assessoria. Rio de Janeiro: Abong, 2017

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **A Terra é nossa Mãe**. Gênesis 1-12. São Leopoldo: CEBI, 2007.

MURAD, Afonso (org.). **Ecoteologia: um mosaico**. São Paulo: Paulus, 2016.

PAGOLA, José Antonio. **Jesus**. Aproximação Histórica. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

PAPA FRANCISCO. **Fratelli Tutti**. Sobre a Amizade e Fraternidade Social. Carta Encíclica. São Paulo: Paulus, 2020.

PAPA FRANCISCO. **Laudate Deum**. Sobre a crise climática. Exortação Apostólica. São Paulo: Paulinas, 2023.

PAPA FRANCISCO. **Laudato Si’**. Sobre o cuidado da casa comum. Carta Encíclica. Brasília: Ed.CNBB, 2015.

RUBIO, Alfonso García. **?Dominad la tierra?** Aportaciones teológicas al problema ecológico. Barcelona: Cristianisme I Justicia, 1993.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na Pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulinas, 1989.